

**Projeto para o Programa de Pós-doutorado do Departamento de Filosofia da USP****Título: “Marcuse: o conceito de Grande Recusa como Princípio de Realidade”****Autora: Renata Almeida de Araujo Marinho****Supervisora: Olgária Chain Féres Matos**

*“Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.”*

Guimarães Rosa, “Desenredo”, in *Tutaméia*

**Introdução**

Nossa proposta é investigar o conceito de Grande Recusa e demonstrar a validade atual das análises basais de Herbert Marcuse, tanto no que concerne às contradições materiais do capitalismo tardio (sociais e individuais), quanto na própria compreensão da tarefa da Teoria Crítica. Em obras como *O homem unidimensional* (1964) e *Um ensaio sobre a libertação* (1969), a qualidade do texto e o seu posicionamento frente às questões são definidos a partir da interpelação metodológica sobre os limites da teoria crítica da sociedade. Marcuse faz a crítica da crítica e rejeita os fundamentos que excluem a utopia (reduzida a especulação irreal), pois compreende que a ‘utopia’ de *uma vida boa e cada vez melhor para todos*, além de desejável, seria já materialmente possível. Em sua especulação crítica de um mundo livre, nosso filósofo compreende que mudanças políticas e econômicas, se privadas da dimensão ético-sensível, nunca serão suficientes para interromper o *continuum* da civilização do desempenho e da quantificação. A verdadeira transformação da sociedade seria, necessariamente, também transformação dos indivíduos, tornando-os aptos para experimentar as coisas, os outros, as relações e a si mesmos fora do contexto hegemônico atual, de caráter violento e orientado para a competição, a espoliação e a destruição.

As tendências que continuam concretizando-se e intensificando-se no início da terceira década do século XXI já estavam claras para Marcuse. Enfatizamos que, de acordo com nosso filósofo, nunca foi e continua não sendo possível libertar-se replicando os métodos do opressor. Isto significa descartar qualquer determinismo dialético histórico no qual, mais cedo ou mais tarde, o próprio capitalismo se autodestruirá sendo superado pelo socialismo. Pelo contrário, a tendência é passarmos para sistemas progressivamente mais cruéis e desumanizados e, por assim o serem, progressivamente mais eficientes na restrição das possibilidades libertadoras<sup>1</sup>. Tal funcionamento de exploração intensificada, sem nenhuma abertura possível do universo político, porquanto o Estado coincidiria com o capital e sua razão autônoma de desempenhos

---

<sup>1</sup> Cf. MARCUSE. *Contrarrevolução e revolta* (1972).

arrazoados, para Marcuse, não deveria funcionar por um longo prazo, pelo menos “enquanto os seres humanos forem seres de pensamento e sentimento, enquanto as fontes naturais não estiverem exauridas”. A ameaça que não se pode excluir do horizonte é exatamente a rarefação e a extinção desses condicionantes, acorrentando-nos aquém de qualquer possibilidade de transformação. A reflexão de Marcuse aponta a Grande Recusa como um novo Princípio de Realidade, livre do Princípio de Desempenho e de sua respectiva racionalidade tecnocientífica, da competição, do método único e da supressão de diferenças que, por assim o serem, drenam as possibilidades de vida e de liberdade.

Examinaremos os conceitos de Grande Recusa e utopia na obra marcuseana para a elaboração do sentido e das possibilidades de transformação radical (qualitativa) no mundo contemporâneo. Claramente, Marcuse não é um autor que tem as transformações subjetivas como foco único de sua teoria revolucionária. Ele critica a oposição limitada à contestação sem o objetivo concreto de interromper o arranjo de poder estabelecido para tomá-lo. Não obstante, Marcuse identifica o rearranjo pulsional nos indivíduos e o desenvolvimento de uma *nova sensibilidade* como condição de possibilidade para o desenvolvimento de um contexto revolucionário com chances efetivas de transformar radicalmente a lógica basal da sociedade repressiva capitalista tecnocientífica. A negação determinada de *todos* os padrões, comportamentos e valores que sustentam e reproduzem a dominação e o controle dos muitos em prol dos privilégios dos poucos é a característica inegociável da oposição efetivamente comprometida com a libertação humana. Movimentos radicais, por definição, devem ter caráter total, pois não há como concordar com “um pouco” de espoliação, de fome, de miséria. E o sistema hegemônico atual vive e alimenta-se exatamente dessas mazelas. Para a recusa radical da lógica estruturante desta sociedade e da subjetividade que lhe corresponde, seria imprescindível o compromisso e a responsabilidade consigo, com os outros, com a comunidade que partilha o mesmo *imperativo histórico revolucionário*, e com a natureza. Uma composição de confiança mútua que parece sempre de antemão impedida de se expandir sob a ideologia tecnocapitalista, na qual tudo o que é aparece já na forma mercadoria, quantificado e objetivado para o lucro financeiro imediato e suas respectivas satisfações pulsionais.

A *Grande Recusa* é um conceito que aparece em *Eros e civilização* e permanece no pensamento marcuseano até a maturidade. No livro de 1955, Marcuse parte da apropriação da psicanálise feita pelos surrealistas quando reivindicaram a aplicação do sonho para a resolução dos problemas fundamentais da vida, especulando sobre a possibilidade de realização do conteúdo onírico sem o comprometer. Isto revelaria uma compreensão mais ampla da realidade,

na qual a imaginação tem valor de verdade mesmo que, por sua própria natureza, seja uma inverdade em relação aos fatos objetivos. O termo Grande Recusa é retirado de uma citação de *Ciência e o mundo moderno*, de Whitehead: “A verdade de que uma proposição a respeito de uma situação real é não-verdadeira (*untrue*) pode expressar a verdade vital da realização estética. Expressa a ‘grande recusa’ que é a sua característica primordial.”<sup>2</sup> Marcuse compreende essa Grande Recusa como “o protesto contra a repressão desnecessária, a luta pela forma suprema de liberdade – ‘viver sem angústia’”, ideia que somente era admitida na esfera das artes, enquanto a teoria política e a filosofia rejeitavam-na como utopia, em juízo conforme e conformado à ideologia do Princípio de Desempenho, da racionalidade tecnocientífica, recursiva e reprodutora de si mesma. De modo oposto à orientação pulsional destrutiva para um mítico “retorno ao inorgânico” do “passado sub-histórico”, repressivamente repetidor de padrões em busca daquilo que já passou sem nunca ter sido, constituindo a vida, segundo a definição freudiana, como “um longo desvio para a morte”, um desenvolvimento instintual não-repressivo deveria ser impulsionado para a proteção e a valorização da vida em vista da sua maturidade, como prolongamento e possibilidade de um processo, em constante melhoramento, de criação livre para uma existência pacificada, um arranjo pulsional que dissolveria a identificação da ideia de utopia como irrealidade, na medida em que o horizonte balizador do desejo se encontraria no presente e no futuro a ser construído.

A Grande Recusa, enquanto negação determinada da racionalidade tecnológica do desempenho, apresenta-se como alternativa dialética surgida do próprio progresso da razão consciente e do aprofundamento das contradições entre a captura libidinal por seu inconsciente arcaico repressivo e as potencialidades concretas para a fundação de uma nova realidade livre. A imaginação seria a forma de cognição preservadora da verdade da Grande Recusa, protegendo-a da razão instrumental, repressora e reprimida, a qual suprime de antemão as “aspirações de realização integral do homem e da natureza”<sup>3</sup>. Pela imaginação, seria possível recusar a perpetuação da realidade definida como sofrimento, violência e pulsão de morte, seria possível almejar “um Eros mais pleno (*a fuller Eros*)”. Em *Eros e civilização*, Marcuse defende uma filosofia insubmissa à realidade repressiva, que ousa contrapor-se ao “fato da morte” pela Grande Recusa, a recusa órfica libertadora, com o potencial de tornar a morte “um símbolo da libertação final”<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> WHITEHEAD *apud* MARCUSE. “Phantasy and Utopia”, in *Eros and Civilization*, p. 149.

<sup>3</sup> MARCUSE. “The Images of Orpheus and Narcissus”, in *Eros and Civilization*, p. 160.

<sup>4</sup> “Os homens podem morrer sem angústia se souberem que aquilo que amam está protegido da miséria e do esquecimento. Depois de uma vida realizada, podem assumir a responsabilidade da morte – no momento de sua

O protesto radical enquanto Grande Recusa formando uma nova realidade pode parecer abstrato porque se opõe inteiramente à uma sociedade embotada, fossilizada e cimentada numa massa espessa compacta e quase sem brechas, incapaz de transcender e sublimar, opõe-se à aceitação passiva de uma subjetividade pré-formatada, adestrada para satisfações intensificadoras da frustração, desprovida de sentido comunitário e libidinalmente atraída às suas próprias correntes. Neste mundo homogeneizado, o imperativo revolucionário é precipuamente negação: “rejeitar as necessidades e os valores que aumentam a riqueza social enquanto fortalecem a ‘servidão voluntária’ dentre a população privilegiada das metrópoles”<sup>5</sup>, pois essas necessidades e valores impõem sofrimento e degradação a uma imensa parte do mundo e abastecem-se da destruição da diversidade e da vida na Terra.

Utopia é um conceito referido a uma ideia de transformação impossível de ser concretizada devido a fatores objetivos e/ou subjetivos impeditores de sua realização. Seguindo essa definição inicial, Marcuse classifica dois tipos de utopia: o primeiro é histórico e trata de uma impossibilidade determinada pela imaturidade das condições sociais, o segundo é extra-histórico e trata de projetos em contradição com leis científicas (biológicas ou físicas, como imortalidade ou reversão do tempo). Apenas este último tipo configura impossibilidade real e incontestável. O primeiro tipo tem impossibilidade provisória, geralmente aferida por seu ineditismo histórico. Marcuse considera fraco o critério validado apenas na inobservância de fatores objetivos e/ou subjetivos dentro da conjuntura social já existente, pois pode ser superado durante o processo revolucionário. “Os agentes sociais da transformação – e isso é Marx ortodoxo – formam-se apenas no próprio processo de transformação.”<sup>6</sup> Para nosso filósofo, o único critério contingencialmente válido seria a inexistência de meios técnicos ou intelectuais indispensáveis para a materialização da mudança, o que, em sua avaliação é atualmente falso e, portanto, retiraria a revolução socialista da noção de utopia como impossibilidade.

Marcuse afirma que a libertação da sociedade só não acontece por haver uma resistência contrarrevolucionária hegemônica para preveni-la. Desde *Eros e Civilização*, “a libertação das necessidades instintuais para a paz e a quietude do Eros ‘associal’ e autônomo pressupõe libertação da afluência repressiva: uma reversão da direção do progresso”<sup>7</sup>. Tal mudança, por ser a reversão da direção atual, seria um recomeço civilizacional sob um novo Princípio de

---

escolha. Mas nem o advento supremo da liberdade pode redimir aqueles que morreram em dor. É a sua lembrança, e a culpa acumulada da humanidade contra as suas vítimas, que obscurece o prospecto de uma civilização sem repressão.” MARCUSE. “Eros and Thanatos”, in *Eros e Civilização*, pp. 236-237.

<sup>5</sup> MARCUSE. “Freedom and the Historical Imperative”, p. 221.

<sup>6</sup> MARCUSE. “The End of Utopia”, in *Five Lectures*, p. 64.

<sup>7</sup> MARCUSE. “Political Preface 1966”, in *Eros and Civilization*, p. xiv.

Realidade, uma sociedade reconstruída fora das bases da dominação e da escassez. A imagem do ser humano dessa sociedade livre seria um “homem suficientemente inteligente e saudável para dispensar todos os heróis e as virtudes heroicas”, desprovido do impulso para o perigo, “com a boa consciência para fazer da vida um fim em si mesma”, uma vida alegre e sem medo. Se o aparato técnico para empreender as transformações já existe, o conceito de *utopia* modifica-se: “a libertação é a mais realista, a mais concreta de todas as possibilidades históricas e, ao mesmo tempo, a mais racional e efetivamente reprimida – a possibilidade mais abstrata e remota”<sup>8</sup>. Marcuse recorrerá à noção de *utopia concreta*<sup>9</sup>, de Ernst Bloch, coadunada com a recusa radical do condicionamento repressivo para a aceitação e o desejo da dominação – a recusa da heteronomia introjetada –, para pensar o *locus* da transformação social *qualitativa*.

### Objetivo

Esta proposta de pesquisa parte da constatação de que não há mais como reformar e prolongar o estado atual de coisas, dada a tendência para a destruição total, ou algo pior. O objetivo é pensar o sentido de revolução no século XXI, considerando a Grande Recusa como condição de possibilidade para a sua realização material. Para tanto, investigaremos os desenvolvimentos do conceito de Grande Recusa, compreendido como o ato revolucionário, não mais apenas desejável, mas sim necessário, segundo as condições materiais existentes nos dias de hoje e as tendências que indicam. Entendemos, de acordo com a pesquisa realizada para a tese de doutorado “A teoria crítica da transformação radical de Herbert Marcuse – racionalidade tecnológica e movimentos revolucionários” (2022), que a sociedade e os indivíduos encontram-se em estado acelerada e intensificadamente crítico, limítrofe. Na tese: 1. Acompanhamos e articulamos a crítica marcuseana da racionalidade tecnológica; 2. Demonstramos que a tecnologia (definida como modo de dominação) tem como único fim a reprodução, o aprimoramento e a expansão de si mesma, orientada unidirecionalmente pelos critérios quantitativos de eficiência e padronização do capitalismo tardio; e 3. Concluimos que todas as diferenças que se expressam e afirmam enquanto tais, inseridas na lógica homogeneizante globalizada, opõem-se irreconciliavelmente à padronização totalizante do tecnocapitalismo. Já que não há futuro *humano e livre* dentro da lógica hegemônica atual, o objetivo desta proposta de estudo é, portanto, aprofundar o estudo sobre a Grande Recusa (como Princípio de Realidade) e a compreensão da utopia (como horizonte possível e desejável).

<sup>8</sup> MARCUSE. “Political Preface 1966”, in *Eros and Civilization*, p. xv.

<sup>9</sup> “A noção de utopia concreta de Bloch refere-se a uma sociedade onde os seres humanos não têm mais que viver suas vidas como meios de ganhar sustento em performances alienadas. Utopia concreta: “utopia” porque tal sociedade ainda não existe em lugar algum; “concreta” porque tal sociedade é uma possibilidade histórica real.” MARCUSE. “Ecologia e crítica da sociedade moderna”, p. 148.

De acordo com o objetivo definido, a pesquisa está inicialmente dividida em três partes:

1. Para compreender e elaborar como Marcuse tratou a transformação social, estudo de textos contidos nos volumes 1, 2 e 3 dos *Collected Pappers* editados por Douglas Kellner. Especificamente: do volume 1 – *Technology, War and Fascism* -, “A History of the Doctrine of Social Change” e “Theories of Social Change”, ambos escritos por Marcuse e Franz Neumann; do volume 2 – *Towards a Critical Theory of Society* – “The Problem of Social Change in the Technological Society”, “The Containment of Social Change in Industrial Society”, “Cultural Revolution”, e “A Revolution in Values”; do volume 3 – *The New Left and the 1960s* – “Marxism and Feminism”, “The Problem of Violence and the Radical Opposition”, “Liberation from the Affluent Society”, “Democracy Has/Hasn’t a Future... a Present”, e “Marcuse Defines his New Left Line”.
2. Para aprofundar o marxismo marcuseano e o modo como tratou a questão da revolução, estudo do livro *Soviet Marxism, a Critical Analysis*, e de textos contidos no volume 6 dos *Collected Pappers – Marxism, Revolution and Utopia*, a saber, “Value and Exchange Value”, “Dialectic and Logic Since the War”, “Humanism and Humanity”, “Epilogue to Marx’s 18th Brumaire of Louis Napoleon”, “The Concept of Negation in the Dialectic”, “The History of Dialectics”, “Socialism in the Developed Countries”, “Socialist Humanism?”, “The Obsolescence of Marxism”, “Revolutionary Subject and Self-Government”, “Re-examination of the Concept of Revolution”, “Marxism Confronts Advanced Industrial Society”, “Obsolescence of Socialism”, “The End of Utopia”, “Marxism and Revolution in an Era of Counterrevolution”, “Marxism and the New Humanity: An Unfinished Revolution”, “Marx and Para-Marx on Capitalist Contradictions”.
3. Para articular o pensamento marcuseano com a reflexão teórica marxista revolucionária produzida hoje em dia, pesquisa e estudo de textos selecionados de duas filósofas vivas e ativas. *Comrade* e *The Communist Horizon*, de Jodi Dean; *Revolution Today, Dreamworld and Catastrophe*, e *Commonist Ethics*, de Susan Buck-Morss.

### **Justificativa**

Quanto aos estudos marcuseanos contemporâneos, pensamos ser necessária uma nova compreensão crítica do filósofo a partir das condições materiais existentes e dos dilemas intensificados em nosso tempo. O conceito de Grande Recusa é tradicionalmente interpretado

pelo viés bio-psico-estético; contudo, compreendemos que a limitação a tal perspectiva dificulta o alcance do seu real potencial revolucionário. Para atualizar o conceito, além de fazer a crítica dos seus aspectos “otimistas”<sup>10</sup> presentes, focaremos em sua dimensão ético-axiológica, mais pessimista do que progressista. A Grande Recusa como Princípio de Realidade desencadeador de uma *nova sensibilidade* cultivada por valores alheios à lógica do desempenho e potencializada por necessidades reais não-destrutivas. Além desse deslocamento na compreensão da Grande Recusa, justificamos a pesquisa pelo intuito de ampliar o acesso a textos de Marcuse pouco estudados no Brasil, incluindo aqueles reunidos nos *Collected Papers* publicados entre 1998 e 2014.

Justificamos ainda o projeto pela importância de ter a supervisão da professora Olgária Matos, notória conhecedora de Teoria Crítica no Brasil, e pela relevância da experiência de estar vinculada à Universidade de São Paulo.

### **Plano de atividades e cronograma**

Durante os vinte e quatro meses da pesquisa, a proposta é produzir e publicar pelo menos quatro artigos com os resultados parciais do estudo. Também planejamos a publicação de, pelo menos, duas traduções de textos de Marcuse inéditos em língua portuguesa: “Aggressiveness in advanced industrial societies” (1968) e “Freedom and the Historical Imperative” (1969).

No âmbito do Departamento de Filosofia da USP, planejamos manter um grupo de estudos sobre textos selecionados pertinentes à pesquisa, oferecer dois cursos de extensão sobre o pensamento de Marcuse, e organizar colóquios anuais para promover o diálogo com pesquisadores da área.

- Meses 1 a 6: Estudo dos textos de Marcuse sobre transformação social já listados. Pesquisa de bibliografia secundária pertinente. Escrita de um artigo sobre o tema na obra de Marcuse. Início da tradução de “Aggressiveness in advanced industrial societies”. Oferecimento de um grupo de estudos para alunos de graduação e pós-graduação.
- Meses 7 a 12: Estudo dos textos focados no marxismo já listados. Pesquisa de bibliografia secundária. Escrita de um artigo sobre o tema na obra de Marcuse. Conclusão da primeira tradução. Continuação do grupo de estudos. Oferecimento de um curso de extensão sobre as questões já desenvolvidas na pesquisa. Organização de um colóquio.

---

<sup>10</sup> Crítica feita pelo próprio Marcuse no “Prefácio político”, escrito em 1966, para *Eros e civilização*.

- Meses 13 a 18: Estudos dos textos de Jodi Dean e Susan Buck-Morss já listados, bem como pesquisa de bibliografia secundária. Escrita de um artigo sobre as filósofas. Início da tradução de “Freedom and the Historical Imperative”. Continuação do grupo de estudos.
- Meses 19 a 24: Aprofundamento das bases teóricas da pesquisa. Escrita de um artigo com os resultados finais. Conclusão da segunda tradução. Continuação do grupo de estudos. Oferecimento de um curso de extensão. Organização de um colóquio. Redação do relatório final.

### **Bibliografia básica**

MARCUSE, Herbert. *Technology, War and Fascism – Collected Papers of Herbert Marcuse* – volume 1, Routledge, 1998.

MARCUSE, Herbert. *Towards a Critical Theory of Society – Collected Papers of Herbert Marcuse* – vol. 2, Routledge, 2001.

MARCUSE, Herbert. *The New Left and the 1960s – Collected Papers of Herbert Marcuse* – vol. 3, NY: Routledge, 2005.

MARCUSE, Herbert. *Marxism, Revolution and Utopia – Collected Papers of Herbert Marcuse* – volume 6, Routledge, 2014.

MARCUSE, Herbert. *Soviet Marxism, a Critical Analysis*, NY: Columbia University Press, 1958.

### **Bibliografia complementar inicial**

BLOCH, Ernst. *The Principle of Hope* – volume 2, MIT Press, 1995.

BUCK-MORSS, Susan. *Dreamworld and Catastrophe*, Cambridge: MIT Press, 2002

BUCK-MORSS, Susan. *Revolution Today*, Chicago: Haymarket Books, 2019.

BUCK-MORSS, Susan. “Commonist Ethics”. Disponível em  
<<http://www.commoningtimes.org/texts/morss-commonist-ethics.pdf>>

DAVIS, Angela. *Freedom is a Constant Struggle*, Haymarket Books, Chicago, 2016.

DAVIS, Angela. “Women and Capitalism: Dialectics of Oppression and Liberation”, in  
JAMES, Joy (ed.). *The Angela Y. Davis Reader*, Oxford, Blackwell, 2000.



- DAVIS, Angela. “Abolition and Refusal”, in *The Great Refusal – Herbert Marcuse and Contemporary Social Movements*, org. LAMAS, WOLFSON, FUNKE, Philadelphia: Temple University Press, 2017.
- DEAN, Jodi. *The Communist Horizon*, NY: Verso, 2012.
- DEAN, Jodi. *Comrade – An Essay on Political Belonging*, NY: Verso, 2019.
- FISCHER, Mark. *Capitalist Realism – Is there no alternative?*, Zero Books, 2009.
- FREUD, Sigmund. “Além do princípio do prazer”, in *Obras Completas - volume 14*, São Paulo, Cia das Letras, 2010.
- FREUD. “Psicologia das massas e análise do eu”, in *Obras Completas - volume 15*, São Paulo, Cia das Letras, 2011.
- FREUD. “O futuro de uma ilusão”, in *Obras Completas - volume 17*, São Paulo, Cia das Letras, 2014.
- LAMAS, Andrew; WOLFSON, Todd; FUNKE, Peter (eds.). *The Great Refusal - Herbert Marcuse and Contemporary Social Movements*, Temple University Press, 2017.
- LORDE, Audre. *Irmã outsider*, BH: Autêntica, 2020.
- LOUREIRO, Isabel. “Herbert Marcuse – anticapitalismo e emancipação”, in *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 2005.
- MARCUSE, Herbert. *One-Dimensional Man*. Boston, Beacon Press, 1991.
- MARCUSE, Herbert. *Eros and Civilization – A Philosophical Inquiry into Freud*, Boston: Beacon Press, 1974.
- MARCUSE, Herbert. *Counterrevolution and Revolt*, Boston: Beacon Press, 1972.
- MARCUSE, Herbert. *An Essay on Liberation*, Beacon Press, Boston, 1969.
- MARCUSE, Herbert. *Negations - Essays in Critical Theory*, London: MayFlyBooks, 2009. (1968)
- MARCUSE, Herbert. *From Luther to Popper*, London: Verso, 1983.
- MARCUSE, Herbert. *Paris Lectures at Vincennes University, 1974 – Global Capitalism and Radical Opposition*, International Herbert Marcuse Society, 2015.
- MARCUSE, Herbert. *Five Lectures*, Boston: Beacon, 1970.

- MARCUSE, Herbert; WOLFF, Robert Paul; MOORE, Barrington. *A Critique of Pure Tolerance*, Boston, Beacon Press, 1965.
- MARCUSE, Herbert. *Philosophy, Psychoanalysis and Emancipation - Collected Papers of Herbert Marcuse, vol. 5*, Routledge, 2011.
- MARCUSE, Herbert. *Razão e revolução*, São Paulo: Paz e Terra, 2004. (1941)
- MARCUSE, Herbert. *A grande recusa hoje*, org. Isabel Loureiro, Petrópolis: Vozes, 1999.
- MARX. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, SP: Boitempo, 2011.
- MARX. *Manuscritos econômico-filosóficos*, SP: Boitempo, 2010.
- MARX. *O Capital – livro I*, SP: Boitempo, 2013.
- MATOS, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989.
- MATOS, Olgária. *Benjaminianas*, SP: Unesp, 2009.
- MATOS, Olgária. *Palíndromos filosóficos – Entre mito e história*, SP: Unifesp, 2018.
- REITZ, Charles. *Ecology and Revolution: Herbert Marcuse and the Challenge of a New World System Today*, Routledge, 2018.
- REITZ, Charles. (ed.) *Crisis and Commonwealth – Marcuse, Marx*, McLaren-Lexington Books, 2013.